

PASTA 7 / 1985 / DANÇAS / COLECÇÃO J.N.BRETÃO

AS GREVES

Argumento para dança do Carnaval, Por; António Mendes

SAUDAÇÃO

Mestre

Vos saúdo, ó gente amiga,
Mesmo ao jeito de cantiga,
Como é tradicional.
Mais uma vez aqui vimos,
Porque também decidimos
Festejar o Carnaval.

Todos

A nossa alegre atitude
Trás desejos de saúde
E certeza de amizade.
Lembrando o ano passado
E o vosso bonito agrado,
Matamos uma saudade.

Mestre

Canta o povo da Terceira,
Que alegria é quanta queira
Em terreiro ou em salão.
Há danças e bailaricos
Que alegram pobres e ricos,
Em nome da tradição.

Todos

O Carnaval nesta ilha
Ainda hoje reina e brilha
Com folgedos afamados,
Não é porque isto inventámos,
Dos nossos antepassados.

Mestre

Com temas tão variados,
Mais ou menos engraçados,
Tanto por aí se diz!
O que está mal, criticando
Ou as virtudes louvando,
Sente-se o povo feliz.

Todos

Há sempre de ano p'ra ano
Coisas do quotidiano
Que merecem mais destaque.
Só é pena que ainda restam
Certas coisas que não prestam,
Por mais que a gente as ataque.

ALUSÃO AO TEMA

Mestre

Veio a democracia,
Deixa o povo de ser mudo;
É um tal reivindicar
E o patrão tem de pagar,
Senão paraliza tudo.

Todos

Com este agir interesseiro
Vemos que tudo piora,
Porque há zaragateiro
Que só pensa no dinheiro,
Mas “trabalho, vai-te embora...”

Mestre

Vamos falar dos grevistas,
Que habitam nos sindicatos,
Dando belas entrevistas,
Para anunciar conquistas
Encravando os patronatos.

Todos

Alguns temem a falência
E outros dizem: - deixá-lo!
Mas, sem haver consciência,
Às tantas, p'la experiência,
Nem para Pedro nem p'ra Paulo.

Coro do Assunto

Porque actualmente a greve
Se faz por tudo e por nada,
Há quem não paga o que deve;
Há gente desempregada.
Mas isto vai piorar,
Porque o País está falido
E se o dinheiro acabar,
Fica greve sem sentido.

Sindicalista

Cá estamos p'ra defender
A classe trabalhadora,
Que continuará a ser
A grande impulsionadora
Do progresso do País.
O mal que dela se diz
Provém dos reaccionários,
Embecis e usurários,
Que têm ódio a quem trabalha,
Por não quererem pagar
Salário digno e justo.

Por isso essa canalha
A greve tem de enfrentar,
Embora com grande custo.
Que a política não mude,
P'ra lhes fazer a vontade,
Já que esta nossa atitude
É o preço da liberdade.

Empregado

Eu trabalho numa firma
Que nos paga muito mal
E este facto se confirma
Contactando o pessoal

Sindicalista

Digam ao vosso patrão
Que vos venha procurar
Depressa, porque senão
É capaz de se lixar.

Empregado

Ele talvez não queira vir,
Porque é muito teimoso.

Sindicalista

Também podemos lá ir,
Se ele for atencioso.

(Dirige-se ao patronato)

porque motivo não está
pagando justo salário?

Patrão

Não venha também p'ra cá
Chamar-me reaccionário
Não tenho possibilidades
De pagar mais ordenado
E não estou interessado
Em estar fartando vontades.

Sindicalista

O senhor ainda se atreve
A dessa forma falar?
Pois agunte-se com a greve
E diga que teve azar.

Patrão

Se tal coisa eles me fizerem,
Vão todos p'ra o olho da rua.

Sindicalista

P'ra o olho vão os que querem

Fazer leis como essa sua.

Ratão

Reparo que essa cantiga
Só pode ser dum tratante,
Que olha p'ra sua barriga,
Sem ver a do semelhante.
Não queiras beber suor
E vê se pagas melhor,
Que já mamaste bastante.

Coro

Porque actualmente a greve
Faz-se por tudo e por nada,
Há quem não paga o que deve;
Há gente desempregada.
Mas isto vai piorar,
Porque o País está falido
E se o dinheiro acabar
Fica a greve sem sentido.

Tia Rosa

O senhor sabe-me dizer
Se a Paulina Maria
Já chegou com encomendas?
É que eu estou p'ra receber
Da minha prima Sofia
Umase asseadas prendas.

Funcionário da alfândega

O navio já chegou
E podia estar de leve,
Mas nada descarregou,
Visto estar tudo em greve.

Rosa

Ó senhor de mim tem dó,
P'ra eu a saca levar,
Senão apanho um nó
Que é daqueles de contar.
Paguei à camioneta
P'ra mim e p'ra a minha neta
E não posso cá tornar!

Funcionário

Mas é que os estivadores
Tem de ir buscar primeiro,
E não entram nos vapores
Sem lhes darem mais dinheiro.

Rosa

Meu Deus, mas que tal desgraça!

Que injustiça escandalosa...
Não é coisa que se faça
À pobre da tia Rosa,
Que já dinheirinho deve;
Come uns caldos deslavados
E não pode fazer greve
Para mal dos seus pecados.

Funcionário

Tenho pena da senhora
E até dó de si, coitada!
Mas pode-se ir embora,
Porque hoje não leva nada.

Rosa

Ó greve amaldiçoada
Que até roubas a miséria
A esta pobre desgraçada
Que foi sempre honrada e séria.

Ratão

Como a greve está na moda,
Por todos vai ser usada
E fará andar de roda
Quem tem a barriga inchada.
Às tantas, p'ra aliviar,
Na rua se vai mijar,
Que a retrete está fechada.

CORO

Chico

Eu venho aqui muito aflito,
Porque a minha Maria
Tem um aspecto esquisito.
Não se passava um só dia
Que a pobre não obrasse
E há oito dias p'ra cá
Não faz nada e está p'ra lá
Metida num triste empasse.
Eu venho à sua presença
Só para lhe perguntar:
Será questão de doença
Que a fez paralizar?
Ou aquilo será greve,
P'ra estar na cama de leve
E eu por ele a trabalhar?

Enfermeira

O senhor pode saber.
Não é coisa complicada.
Veja se ela anda a gemer

E tem a barriga inchada
Isso pode ser ainda
Um caso de gravidez.

Chico

Isso era uma coisa linda
Grávida aos setenta e três...
Mas eu não vou na cantiga,
Porque ela é muito atrevida
E sempre que a gente briga
Me prega uma partida.
Eu queria que o senhor doutor
Fosse lá p'ra a examinar.

Enfermeira

Tenho a dizer ao senhor
Que isso não vai calhar.
O senhor doutor também
Resolveu entrar em greve.
É lei, por isso se atreve
A usar do direito que tem.

Ratão

Está certo e eu também vou
Usar dessas regalias.
Simples caboqueiro sou,
Mas tenho as minhas manias.
Dou à minha Conceição
A barra, cunha e marrão
E não trabalho oito dias.

CORO

Manel

Ó senhora enfermeira,
Vim aqui na correria
Em procura de parteira
P'ra a minha filha Maria.
Aquilo foi de repente,
Porque a gente não contava
E nem tão pouco sonhava
De estar para haver gente.
Mas são coisas que acontecem
Para aí de volta e meia,
Porque elas é que as tecem
E um homem é que se chateia.

Enfermeira

Pode ir p'ra casa à vontade
Veio cá nada arranjou,
Porque a maternidade
Também hoje em greve entrou.

Manel

E então como vai ser?
Isto é bonito, não acha?
A pobre lã a gemer
Desde “ontem” e não se despacha.

Enfermeira

Também já antigamente
Lá em casa se gemia,
E olhe que toda a gente
Também em casa nascia.

Chico

Mas muita canalha andava
Com toda aquela ignorância!

Enfermeira

Está bem, mas ainda ficava
Coisa com muita abundância.

Ratão

Não se meta na cabeça
Que é um mistério nascer,
Embora eu reconheça
Que é mais fácil fazer.
A minha gata anda à vontade;
Faz do forno maternidade
E nem um chega a morrer.

CORO**José**

Eu vinha cá perguntar
Se amanhã posso vir
Com a minha noiva, casar,
Porque ela está perto de ir
De volta para o Canadá.
Eu depois espero cá
Que ela me faça a chamada,
Mas como é moça asseada,
O saco amarra-se já.

Funcionário do Registo Civil

Pois está com muito azar,
Que amanhã vamos entrar
Numa greve prolongada.
Se fosse hoje tinha calhado,
Mas amanhã está fechado,
Não se pode fazer nada.

José

Senhor, p'la sua saúde
Não me diga uma coisa dessas.
Eu pago p'ra que me ajude,
Senão dá tudo às avessas,
Porque a moça vai-se embora.
Se não casarmos agora,
Vai dar bem mau resultado,
Que a gente se adiantou;
Por acaso até pensou
Que era meio caminha andado!...

Funcionário

Pois só para depois da greve.
Se ela quer casar que espere.
Quem sabe se ela prefere
Olhando ao que o senhor lhe deve?

José

Tem a passagem marcada
E o trabalho a esperar.

Funcionário

Não lhe posso fazer nada
E não há mais que falar.

Ratão

Deixa a pequena embarcar
Porque ela talvez te chame
E quando der em inchar,
Pode que ainda mais te ame.
Foste apressado, rapaz...
A greve só não se faz
A trabalhar no arame.

CORO**Rosa**

Vê se compras o vestido,
Senão tu vais-te lixar.
Se não fores um bom marido
Eu ponho-te a jejuar.

Joaquim

Ó mulher, não há dinheiro.
Não vês esta carestia?...
E há coisas que estão primeiro,
Que é o pão de cada dia.

Rosa

Eu não quero lá saber!
Compra-me um vestido novo,

Senão vais-te arrepender
E até fazer riri o povo.
Eu tenho a faca e o queijo
Fechados na minha mão.
Se te der aquele desejo,
Estás sujeito a ouvir um não.

Joaquim

Tem lá santa paciência,
Mas isso não pode ser.
Mete a mão na consciência
E pensa o que vais fazer.
Olha que com coisas sérias
Nunca se deve brincar.

Rosa

Acaba com essas lérias
E o vestido vai comprar.

Joaquim

Já disse: - não pode ser!
Não há mais que conversar.

Rosa

Pois então dou-te a saber
Que a greve vai começar.
Logo à noite, embora queiras,
Cá não vais petiscar nada.

Joaquim

Rosa, não digas asneiras.
Não vês que és a minha amada?...

Rosa

Não temos mais que falar.
P'ra ficares descansado,
Sou capaz de me fechar
Nem que seja a cadeado.

Ratão

Isso não, que vai pisar
E até causar infecção,
~e não lhe queiras roubar
a sua consolação.
Pois se for greve a valer,
O Joaquim volta a fazer
O servicinho à mão.

CORO

Zéquinha

Até agora paguei,
Mas vou deixar de pagar;
Tanto dinheiro já dei
E eles ainda a gostar!...
Agora daqui para a frente
Quem quiser pagará taxa,
Porque eu também sou gente
C'ma outras moças, não acha?

Tonecas

Acho que sim, porque a lei
Não deve ter excepções
E, por aquilo que eu sei,
Tens levado uns encontrões...

Zéquinha

E ainda há quem queira dizer
Que o ofício não é mau.
Experimentem, para ver
Quanto custa o bacalhau.

Tonecas

Para falares assim,
Esperas obter melhores?

Zéquinha

Eles têm de pagar a mim
Como pagam às senhoras.
Entro em greve esta semana;
Não sei qual a duração.
E por tudo em pantana,
Vou fazer a revisão.
Quando eu começar de novo,
Talvez me dêem valor
E fico às ordens do povo,
Com a tabela em vigor.

Ratão

Olha então, que também quer
Fazer greve este marmelo!...
Sendo assim, já não prefere
A mão de obra do Castelo.
Mas greve p'ra ti é pouco:
Só rolhado com um "sôco"
Bem tocado a camartelo.

CANTIGAS DE DESPEDIDA

Mestre

Nem sempre a greve é vitória;
Tem suas complicações.
E da moral desta história

Tirai da memória
Vossas conclusões.

Todos

O trabalhador honesto
Merece justo salário.
Ao malandro dá-se o resto
E com o pretexto
De mau funcionário.

Mestre

P'ra mim é honra o trabalho
E um bem que se deseja,
Já que o malandro acanalho
E dele não me valho
P'ra nada que seja.

Todos

Quem trabalha honradamente
E tem salário condigno,
Vive feliz e contente,
Porque não consente
O ócio maligno.

Mestre

Como jovens trabalhamos,
P'ra combater coisas más,
E na Serreta sonhamos
Que um dia vamos
No mundo ter paz.

Todos

Que este ano p'ra nós seja
Cheio de graça e virtude,
Já que o mundo deseja
Que alegre se veja
Toda a juventude.

CORO FINAL

Um adeus dizemos,
Mas em alta voz,
Ao povo que vemos
Sorrindo p'ra nós.
R até um dia
Que possamos vir
Com a mesma alegria
P'ra vos transmitir.

Casa da Cultura da Terceira
Processado em computador por Fátima Oliveira, a partir do documento
existente na Colecção JNB.

Angra do Heroísmo, Abril de 2003.